

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

SEGredo MESSIÂNICO EM MARCOS: O ESTILO COM FUNÇÃO ESTÉTICA E PERSUASIVA

Messianic Secret in Mark: Style with Aesthetic and Persuasive Function

Daniel Aquino Torgan¹

RESUMO

O evangelho de Marcos apresenta o título cristológico de Messias em Jesus. Ele o faz numa construção literária que utiliza o estilo para cumprir a totalidade da função retórica: estética e persuasão. Para tanto há um detalhe na obra marcana que o diferencia de outros evangelhos: um segredo em torno da função messiânica de Jesus. Marcos narra pedidos de discrição do próprio Jesus, bem como constrói narrativas ligando a obra do rabino nazareno com discursos messiânicos encontrados no Antigo Testamento.

Palavras-chave: segredo messiânico; estilo literário; evangelho de Marcos.

ABSTRACT

The Gospel of Mark presents the christological title of Messiah in Jesus. He does a literary construction that uses the style to meet all the rhetoric function: aesthetic and persuasion. To this end there is a detail in the Mark work that sets it apart from other gospels: a secret around the messianic role of Jesus. Mark show requests of stealth from Jesus himself, and builds narratives linking the work of Jesus with messianic discourse found in the Old Testament.

Keywords: messianic secret; literary style; Mark's Gospel.

¹ O autor é Mestrando em Teologia pelo programa de pós-graduação das Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR). Possui graduação em Teologia e pós-graduação em Teologia Bíblica do Novo Testamento Aplicada pela Faculdade Teológica Batista do Paraná (FTBP). E-mail: daniel.torgan@gmail.com

INTRODUÇÃO

O evangelho de Marcos possui inúmeras características. Sendo um “evangelho”, obra literária própria, busca narrar historicamente as ações realizadas e sofridas por Jesus, sem a característica própria de uma biografia, ou pelo menos, não podendo ser comparado a uma biografia moderna.²

Dentre as várias nuances da obra, a pesquisa se debruçará sobre uma específica: o segredo messiânico. Muito já foi escrito a respeito desse tema, tanto a favor, como contra a existência de tal segredo. No entanto, o intuito da presente análise é buscar saber se houve na redação de Marcos o uso de uma construção literária em que o estilo serviu de modo total na função retórica, abarcando estética e persuasão, com a finalidade de atestar a função messiânica de Jesus sem desvendar esse “segredo” antes do momento certo. Por isso é necessário dizer que a pesquisa concorda com a existência de um mistério em torno da função messiânica de Jesus, dando espaço suficiente para a apresentação deste tema no livro de Marcos durante a obra.

A ligação de Jesus com o título messiânico deve ter conexão com a teologia do evangelho, ou seja, se há um segredo messiânico que é revelado no decorrer da narrativa, possivelmente este segredo contribui com os fins teológicos de Marcos; portanto, será necessário também saber um pouco mais de sua obra objetivando entender o porquê do uso literário de um segredo.

Se o evangelho de Marcos contiver dados suficientes para demonstrar que havia discrição com relação ao anúncio de Jesus como Messias, ainda assim será necessário demonstrar como sua redação contribuiu para a elaboração deste mistério. Com isso caberá expor de maneira rápida quatro perícopes, somente almejando relacionar o segredo messiânico em Marcos com o uso pericial do estilo na construção retórica do texto.

1. APRESENTAÇÃO GERAL DO EVANGELHO DE MARCOS

A pesquisa tem o intuito de conhecer um tema específico no livro de Marcos chamado de “segredo messiânico”. No entanto, é importante, antes disso, apresentar um breve panorama sobre a obra. Isso porque o tema analisado está contido dentro de uma estrutura geral, ou seja, ele contribui com algum propósito específico que o autor tinha em mente ao redigir o evangelho. Para tanto as perguntas “para quais leitores o evangelho de Marcos fora escrito?”, “quais os temas principais no livro?” e “como Jesus foi apresentado no evangelho?” podem ser difíceis de obter resposta clara e rápida, porém são primordiais para se entender o motivo de um segredo em torno da pessoa de Jesus.

² Cf. TURLINGTON, Henry. Marcos. In: CLIFTON, Allen (ed.). **Comentário Bíblico Broadman**: Novo Testamento. 3.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1986, p. 57, 79, 95.

1.1 Como Jesus foi apresentado no evangelho de Marcos?

A última pergunta cabe à primeira resposta. Para saber como Jesus foi apresentado em Marcos deve-se compreender que as apresentações dos outros evangelhos não discordam entre si, todavia possuem ângulos diferentes. Cada evangelista tinha necessidades concretas e diferentes, com seus contextos, leitores alvo e propriamente seu labor teológico. Por isso perguntar-se sobre o “Jesus de Marcos” é também inferir sobre sua teologia.

Uma proposta bastante aceita para quem é o “Jesus de Marcos”, ou como este evangelista o apresenta, é a de ser a manifestação de Deus para cumprir as Escrituras, porém uma manifestação humana. Nisso tudo há presente uma forte ênfase escatológica.³ Tal escatologia se traduz num homem que manifesta o reino de Deus e cumpre o papel de servo sofredor, morre para expiar os pecados do povo.⁴ A respeito do reino de Deus, Jeremias aponta ser esse o tema central da pregação pública de Jesus, e segundo ele, é o conceito que os evangelhos sinópticos usam para resumir a mensagem do Messias.⁵ Marcos, de fato, inicia sua obra com a menção ao reino de Deus (1.15,16) e à manifestação deste dá o nome de “evangelho”.⁶ Pohl relaciona a mensagem do evangelista com o “livro da consolação” de Isaías 40 em diante.⁷

Apesar das referências ao reino de Deus, Jesus é o tema central do evangelho de Marcos – mais abaixo a relação dos temas em Marcos terá sua exposição. Mulholland, pensando desta forma, não discorda das informações acima, porém, destoa delas. Para tal comentarista Jesus, tema central do evangelho, é o meio de conhecer claramente o Pai.⁸

Em Thielman, citado acima, o “Jesus de Marcos” é aquele que veio cumprir as profecias de Isaías e Malaquias. Ele é o filho de Deus, cumprindo as expectativas dos profetas, que veio para libertar o povo e julgá-lo. Mais importante ainda, Jesus é o Messias de Deus.⁹ Por fim, Wiersbe vê Jesus em Marcos como o “servo de Deus”. É importante lembrar-se de sua interpretação, pois ele estrutura todo seu comentário ao livro de Marcos a partir desse entendimento. Jesus é o servo de Deus, enviado para consolar um povo que sofria e retirar o pecado do mundo.¹⁰ Neves também usa o tema do servo para estruturar seu comentário a Marcos.¹¹

A identidade de Jesus não pode ser deixada de lado quando se considera o evangelho de Marcos, pois este demonstra grande importância em apresentar Jesus, relatando inúmeros

³ THIELMAN, Frank. **Teologia do Novo Testamento**: uma abordagem canônica e sintética. São Paulo: Shedd, 2007, p. 69.

⁴ THIELMAN, 2007, p. 70.

⁵ JEREMIAS, Joachim. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 1977, p. 150-151.

⁶ POHL, Adolf. **Evangelho de Marcos**: comentário esperança. Edição eletrônica. Curitiba: Esperança, 1998, p. 18.

⁷ POHL, 1998, p. 18.

⁸ MULHOLLAND, Dewey. **Marcos**: introdução e comentário. São Paulo: Vida nova, 1999, p. 16.

⁹ THIELMAN, 2007, p. 71.

¹⁰ WIERSBE, Warren. **Comentário bíblico expositivo**: Novo Testamento volume 1. Santo André: Geográfica, 2006, p. 142-217.

¹¹ Cf. NEVES, Itamir. **Comentário bíblico de Marcos**: Através da Bíblia. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2008.

casos em que as pessoas ao redor dele fazem algum tipo de indagação sobre sua identidade.¹² Quem é então Jesus? Ao que parece Jesus de Marcos é Messias, filho de Deus que assumiu a postura de um servo; o qual tem na sua missão o intuito de anunciar o reino de Deus; veio para cumprir as profecias de libertação e julgamento de Israel e é o meio de se conhecer verdadeiramente a Deus.

1.2 Quais os temas principais do livro de Marcos?

Já foi dito que Jesus é o tema central do evangelho de Marcos. Alguns outros cabem ser mencionados. Os três temas centrais para Mulholland são: Jesus, discipulado e Reino de Deus. Ele vê a importância do discipulado, ainda que um tema secundário, como uma continuação lógica do aprendizado de homens e mulheres que andam com Jesus. O reino de Deus é comparado com uma realidade que ainda não foi consumada, mas presente na vida daqueles homens.¹³

Juntamente com “discipulado”, Pohl apresenta a paixão sofrida por Cristo como um dos temas centrais. Ele lembra aquele conhecido adágio de que os evangelhos são história da paixão de Jesus com uma introdução mais detalhada e conclui que isso pode ser dito especialmente de Marcos. A acusação de blasfêmia é apresentada no capítulo 2, cuja pena é a morte. Esta morte já está sendo planejada no começo do capítulo 3. Vários grupos o rejeitam, entre eles seus parentes, teólogos, o povo e os gentios. Propriamente o tema “morte” tem posição importante, sendo que Jesus usa de três a seis verbos para definir o sofrimento que irá passar e apenas um em relação à ressurreição. Por último, a estadia do mestre galileu em Jerusalém ganha uma enorme proporção, cerca de um terço do livro.¹⁴ O significado disso é que Marcos realmente não queria dar peso igual a todos acontecimentos da vida de Jesus. A morte, seu anúncio, local e consumação têm especial valor por que ali Jesus prova sua identidade, “ali o segredo de sua pessoa foi revelado”.¹⁵ Neste ponto é possível falar que Jesus revelou estar muito além daquilo que se esperaria do Messias, pois, ainda que o seja, é também filho de Deus.¹⁶

Ao olhar para a estrutura dada à obra de Marcos pode também ser ressaltada sua dupla divisão geográfica: Galileia (1-9) e Jerusalém (11-16), com o capítulo 10 no meio, descrevendo a retirada de Jesus da Galileia.¹⁷ O mais interessante neste ponto, o qual dá ênfase no tema anteriormente citado – a paixão – é que em Jerusalém, local onde Jesus é acusado, sentenciado e morto, se passa a segunda parte do livro (c. 11-16), isso tudo em apenas uma semana.

¹² THIELMAN, 2007, p. 70. Este autor apresenta várias passagens em Marcos onde é indagada a identidade, autoridade ou alguma outra característica de Jesus. Cf. Marcos 1.27; 2,7; 4.41; 6.2,3; 8.27-29; 10.18; 14.61.

¹³ MULHOLLAND, 1999, p. 17.

¹⁴ POHL, 1998, p. 19.

¹⁵ POHL, 1998, p. 19.

¹⁶ SOARES, S. A. Gameleira; CORREIA Jr, J. Luiz; OLIVA, J. Raimundo. **Comentário do evangelho de Marcos**. São Paulo: Fonte editorial, 2012, p. 20-21.

¹⁷ ROBERTSON, A. T. **Comentário Mateus e Marcos: à luz do Novo Testamento grego**. Rio de Janeiro: CPAD, 2011, p. 343.

Pode ser tido por tema central em Marcos Jesus e seu messiado como servo e a partir deste alguns outros: reino de Deus, discipulado, paixão. Lembrando-se da divisão que o livro faz na obra de Jesus a partir da localidade geográfica, possivelmente um recurso estilístico do autor com intuito teológico.

1.3 Para quais leitores o evangelho de Marcos fora escrito?

Os comentaristas do evangelho normalmente concordam que o público alvo de Marcos teria sido o leitor romano. O evangelista teria escrito a partir de episódios em que fora testemunha ocular, outros em que esteve próximo e pôde ouvir o relato de primeira mão, mas principalmente de narrações obtidas por meio de outras testemunhas. Pohl sugere que não é possível encontrar todas as fontes de Marcos, o qual por uma análise estilística demonstra que o evangelista usou mais de uma fonte.¹⁸ A tradição indica uma fonte apenas: Pedro.¹⁹ Certamente para dizer isso é necessária outra afirmação que foi tomada como certa logo acima, a de que o autor seria propriamente João Marcos – o parente de Barnabé. Hurtado argumenta que não há indícios além da tradição que Marcos tenha sido o autor do livro.²⁰ Não cabe nesta pesquisa analisar a autoria do evangelho, no entanto, como o próprio Hurtado sugere, não aparece outro nome na lista de possíveis autores a presente obra, portanto, ao que tudo indica João Marcos tem sido a única possibilidade há quase 2000 anos.

Primeiramente é possível dizer para quem Marcos *não* escreveu seu relato: ele não escreveu para os palestinos. O autor escreve em língua grega, e mais importante, faz pausas no seu relato para explicar palavras hebraicas e aramaicas, costumes judaicos e grupos religiosos, indicando que os leitores não eram judeus.²¹ A forte presença de palavras em aramaico faz alguns estudiosos entenderem que Pedro teria pregado nesta língua suas mensagens e por isso Marcos sentiu necessidade de inseri-las no evangelho.²² No entanto, mais do que isso ele emprega uma série de palavras em latim, bem mais que Mateus, Lucas ou João.²³ E assim o texto “testemunha” do possível público alvo: os romanos. É possível que ele estivesse em Roma, onde Pedro também se encontrava ou já tinha estado,²⁴ ao menos é isso que a tradição aponta.²⁵

¹⁸ Cf. POHL, 1998, p. 12-13.

¹⁹ ROBERTSON, 2011, p. 342.

²⁰ HURTADO, Larry W. **Marcos: novo comentário bíblico contemporâneo**. Flórida: Vida, 1995, p. 16. A tradição a que Hurtado se refere é o relato que Eusébio de Cesareia faz das palavras de Papias, bispo que viveu no início do segundo século, de que João Marcos teria sido o *hermeneuta* ou intérprete de Pedro, pois anotava tudo o que este dizia sobre o Senhor. Cf. POHL, 1998, p. 9.

²¹ HURTADO, 1995, p. 16.

²² ROBERTSON, 2011, p. 342.

²³ Cf. ROBERTSON, 2011, p. 342, para uma lista das palavras que aparecem em Latim no evangelho de Marcos.

²⁴ NEVES, 2008, p. 19.

²⁵ SANNER, A. Elwood. O evangelho segundo Marcos. In: HARPER, A.F. (org.). **Comentário Bíblico Beacon: Mateus a Lucas**. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 220. Sanner aponta pelo menos três textos antigos que depõem a favor da autoria em solo romano: o prólogo anti-marcionita, Irineu e Clemente de Alexandria.

2. O ESTILO LITERÁRIO COMO PEÇA ARGUMENTATIVA NO EVANGELHO DE MARCOS

Os evangelhos possuem sua peculiaridade quando vistos em conjunto se comparados a outras formas literárias. Por exemplo, diferentemente da epístola um evangelho não ataca diretamente os embates que as igrejas locais estariam sofrendo. As epístolas dão orientações éticas e doutrinárias direcionadas, conforme a necessidade. Contudo, para estas falta a apresentação – ou lembrança – dos atos e ensinamentos de Jesus.²⁶ É, portanto, esta ferramenta que o autor de Marcos tem nas mãos, um evangelho. As ênfases teológicas, ensinamentos éticos e doutrinários, têm de estar inseridos em narrativas que foram devidamente construídas para formar tais ensinamentos. Segundo Papias, Marcos usou narrativas curtas (*chreiai*) para redigir seu trabalho,²⁷ com isso é possível pensar numa “costura” com propósito feita pelo autor.

2.1 Estruturação literária na formação de sentido

É necessário, antes de pensar na forma literária de Marcos, indagar se é possível que uma construção estética possa servir de argumento num texto bíblico. E também conhecer um pouco de recursos que auxiliem a chegar a tais argumentos por meio de uma análise do texto.

Zabatiero traz um compêndio sobre a formação de sentido no texto em seu livro “Manual de exegese”. Os sentidos no texto são formados a partir de uma junção de elementos que podem ser chamados de textuais e discursivos. Os quais fazem parte de todo um contexto social, frutos de “conflitos e acordos discursivos de uma dada sociedade”. Esse sentido é organizado por meio de duas seções: estilo, que se constitui o aspecto estético do texto; e argumentação, o aspecto persuasivo. Estilo e argumentação são bases importantes para convencimento dos leitores.²⁸ Aqui já se pode notar a validade do estilo para conferir sentido ao texto.

O sentido, no entanto, de modo mais profundo (chamado por Zabatiero de abstrato) é formado por temas, também chamados de *percursos temáticos* ou *percursos figurativo-temáticos*, os quais englobam palavras e frases dentro de um conceito, ou seja, um tema comum.²⁹ Portanto, a construção de sentido de um texto leva em consideração o estilo e argumento na formação de um tema. Os dois juntos são chamados de dimensão retórica do texto.³⁰

Há, porém, textos e discursos onde o estilo serve como forma de argumentação. Ou seja, em algumas perícopes é possível que na falta do uso de argumentação, o estilo em que o texto é escrito sirva também de caráter persuasivo e não apenas estético na construção do

²⁶ TURLINGTON, 1986, p. 313.

²⁷ POHL, 1998, p. 9.

²⁸ ZABATIERO, Júlio. **Manual de exegese**. São Paulo: Hagnos, 2007, p. 64.

²⁹ ZABATIERO, 2007, p. 64.

³⁰ ZABATIERO, 2007, p. 78.

sentido.³¹ Em seu exemplo de análise textual, ao usar a perícopes de Marcos 1.9-11, Zabatiero expõe que o relato do batismo de Jesus difere de uma narração “simples” de um batismo. De certa forma, Marcos faz uma paródia dos relatos de investidura oficial em um cargo, no caso de Jesus a função messiânica, e isso é feito distante do local onde legitimamente deveria ser realizado, segundo o pensamento do judaísmo oficial.³² Desta forma, por meio de seu estilo, Marcos está demonstrando que Jesus foi oficialmente investido do cargo de Messias e que isso foi feito na Galileia e não em Jerusalém. Neste caso, o estilo serviu esteticamente, mas muito mais persuasivamente – como argumentação.

2.2 Detalhes no evangelho de Marcos

O evangelho de Marcos usa terminações, construções literárias e narrativas que demonstram sua capacidade de gerenciar o discurso no intuito de conferir sentido ao leitor. Cabe alguns exemplos serem dados, tão somente em nível de demonstração, antes de iniciar a busca pelo “segredo messiânico” na obra.

A narrativa é feita de ação, como cita Robertson “o evangelho pinta Jesus em ação”, os discursos são diminuídos e as ações colocadas em maior grau.³³ Possivelmente para sua construção de identidade de Jesus. Para uma narração de ação a palavra “impeliu” é usada no evangelho 11 vezes, com o intuito de intensificação daquilo que fora realizado.³⁴ O termo que é traduzido por “logo” ou “imediatamente” aparece cerca de 43 vezes em toda a obra,³⁵ o que dá a ela uma característica de imediatismo, certa “ansiedade” ao leitor.

O emprego destes dois termos que geram certo imediatismo na narrativa já é suficiente para demonstrar que o evangelho como expressão literária única, possui em sua construção capacidade argumentativa no campo da retórica. A formação de sentido em Marcos pode ser vista no modo que o escritor apresenta Jesus e como o estilo de narrativa se desenvolve para chegar até a revelação de seu messiado. Para tanto é primordial conhecer o “segredo messiânico” e indagar se ele pode ser um recurso literário do autor para fins retóricos, tanto estilísticos quanto persuasivos.

3. O SEGREDO MESSIÂNICO NA OBRA MARCANA

Convém tratar do tema principal da pesquisa com duas questões: que é tal segredo messiânico? Ele pode servir como recurso estilístico e persuasivo na construção da identidade de Jesus e na elaboração de sentido por meio da narrativa marcana?

³¹ ZABATIERO, 2007, p. 79.

³² ZABATIERO, 2007, p. 82.

³³ ROBERTSON, 2011, p. 343.

³⁴ WIERSBE, 2006, p. 144.

³⁵ POHL, 1998, p. 12.

3.1 Segredo messiânico

O livro de Marcos é envolvido em mistério, já tendo sido considerado até mesmo enigmático. Diz-se que por essa característica teria sido deixado de lado pelos pais da Igreja.³⁶ No cerne de seu mistério está a identidade de Jesus. Ao que parece o mistério é desvendado por uma revelação progressiva e não de forma abrupta. Os demônios reconhecem que ele é o filho de Deus (1.24), a Pedro e aos discípulos é possível conhecer depois de certa caminhada com o mestre (8.29); o próprio Jesus revela sua identidade na corte judaica (14.61-62), por fim, um centurião reconhece a filiação do nazareno devido à singularidade de sua crucificação (15.39).³⁷

Todo este desvendar da identidade messiânica faz parte do jogo mistério/revelação que na narrativa bíblica nada mais é que um recurso literário. Não se deve interpretar mistério como nas religiões romanas, com ênfases esotéricas. Em Paulo, por exemplo, a palavra mistério aparece sob a perspectiva daquilo que já foi revelado. Em Marcos, além da identidade de Jesus, o mistério revelado é o do reino de Deus, dado a conhecer aos que seguem Jesus.³⁸ Marcos usa a lentidão dos discípulos em aprender as lições dadas por Jesus para demonstrar a identidade misteriosa dele que por muitas vezes foi praticamente imperceptível a estes discípulos.³⁹

Todavia o mistério ao redor da pessoa de Jesus não se dá apenas à incapacidade dos outros o reconhecerem como enviado de Deus. O próprio mestre nazareno pede que seja feita discricção a respeito de seus milagres e obras: não deixa que os demônios o aclamem (1.25, 34), manda aos curados que não divulguem o autor dos milagres (1.44; 5.43) e dá ordens para que os discípulos não espalhem o que viram e ouviram a respeito de sua identidade e glória (8.27-30; 9. 2-9).⁴⁰ É cabível pensar que Jesus não queria que houvesse qualquer interpretação errônea de sua missão, por ser possível lhe atribuírem funções de um messias político, ideal comum na concepção messiânica judaica.⁴¹

O ar de segredo em Marcos, no entanto, é apresentado apenas aos personagens que participam das ações. Ou seja, ao leitor é dado saber claramente desde o começo que Jesus Cristo é o Messias de Deus.⁴² É bem possível que no ato do batismo, por exemplo, mais pessoas estivessem ao redor do rio, mas coube apenas a Jesus reconhecer a voz de Deus e a aparição do Espírito como qualificação de seu messiado⁴³ – as pessoas ou não ouviram ou não entenderam, isso é fácil de perceber por meio da surpresa e curiosidade que estamparam ao verem as ações messiânicas do homem batizado no Jordão.

A capacidade de operar milagres do personagem central em Marcos é também característica messiânica que deve ser lembrada. Ele age com devida autoridade (1.27; 2.10,

³⁶ THIELMAN, 2007, p. 69.

³⁷ TURLINGTON, 1986, p. 338.

³⁸ TURLINGTON, 1986, p. 364.

³⁹ TURLINGTON, 1986, p. 365.

⁴⁰ HURTADO, 1995, p. 20.

⁴¹ CULLMANN, Oscar. **Cristologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 165.

⁴² HURTADO, 1995, p. 19.

⁴³ MULHOLLAND, 1999, p. 25.

28; 7.19; 11.15-19, 27-33); tem poderes sobre a natureza (4.35-41; 6.45-52); é reconhecido pelos demônios como superior (1.24; 5.7); chega a operar atos apenas conferidos ao próprio Deus, como perdoar pecados (2.5).⁴⁴

O segredo também aparece na curiosidade das pessoas. Alguns diziam ser um blasfemador (2.7), outros que era um lunático (3.21), ainda uns sustentavam que estava possesso (3.22,30), ou mesmo que era um profeta (6.14-15).⁴⁵ A curiosidade também se estampou no espanto da multidão com seus milagres e ensinamentos (2.12).

O segredo messiânico está atrelado ao tema claramente antônimo a este: a revelação messiânica. Isso quer dizer que se há segredo tem de haver um momento em que este é revelado e assim tudo fica esclarecido. Como dito acima, o mistério a respeito da identidade messiânica de Jesus serve a um tema maior e por isso começar a desvendar sua função messiânica não faz com que a obra de Marcos termine – ela tão somente chega à metade. A confissão de Pedro em 8.29 marca o ponto de partida para as novas confissões que vão surgindo: o próprio Deus o confessa diante dos três discípulos no momento da transfiguração (9.7) – este ponto é crucial, pois difere do batismo quando Deus fala diretamente a Jesus “tu és meu filho amado” (1.11), agora Deus está se dirigindo aos discípulos e abertamente revelando sua função e identidade messiânica “este é meu filho amado: ouçam-no!” (9.7).

Depois desse ponto crucial, onde Pedro – na posição de representante dos discípulos – e Deus confessam o messiado de Jesus, as pessoas ao redor gradativamente começam a reconhecê-lo como Messias também. O cego aclama Jesus como o filho de Davi, um título messiânico (10.47). Os que estavam em Jerusalém o ufanavam enquanto estendiam suas vestes e espalhavam ramos de palmeira pelo caminho onde o mestre passava montado no jumentinho (11.7-10), o clamor deles era que o reino do “nosso pai Davi” havia chegado. Jesus propriamente testemunha de si mesmo perante o sinédrio, depois de ser indagado se era o Cristo o filho de Deus (14.61-62). Pilatos também recebe resposta afirmativa, ainda que judicialmente furtiva sobre a ação divina de Jesus (15.2). Por último é dado a conhecer a todos que o homem na cruz foi considerado por si mesmo e por seus seguidores como o messias enviado de Deus (15.9, 12, 26, 32, 39).⁴⁶ O que muda drasticamente para que a revelação da função messiânica de Jesus seja tão possível de chegar aos olhos do povo, esta que antes estava encoberta?

Já no momento da confissão de Pedro Jesus introduz de modo claro o tema da paixão: “E começou a ensinar-lhes que importava que o filho do homem padecesse muito (...), e que fosse morto”.⁴⁷ Todavia, juntamente com a paixão vem o tema do serviço, ligando novamente Jesus à figura do servo sofredor de Isaías: “Porque o filho do homem também não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos”.⁴⁸

⁴⁴ HURTADO, 1995, p. 21.

⁴⁵ POHL, 1998, p. 17.

⁴⁶ POHL, 1998, p. 17.

⁴⁷ BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada versão Revista e Corrigida de João Ferreira de Almeida. 4.ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009, Marcos 8.31.

⁴⁸ BÍBLIA, 2009, Marcos 10.45. Este versículo é considerado o principal em Marcos para alguns comentaristas. Cf. NEVES, 2008, p. 19.

O segredo messiânico é revelado em Marcos à medida que é desvendada a figura de Jesus, munida dos panos de fundo teológico e cultural que o autor tinha em mente. Com pano de fundo teológico se quer dizer que Marcos possuía em sua mente bases advindas do Antigo Testamento, mais especificamente do profeta Isaías. No momento em que ele qualifica sua obra como “evangelho”, já no primeiro verso, faz um convite para que o leitor a compreenda a partir do que era evangelho em Isaías 40-66, principalmente nos capítulos 40-55. Identificar a qualidade do “seu messias” é também delimitá-lo, ou seja, ao mostrar claramente que se relaciona com o profeta Isaías na identificação da função messiânica, Marcos se distancia das teorias encontradas no judaísmo latente, aquelas que diziam ser o messias um rei conquistador, ou revolucionário patriota, ou grande sacerdote.⁴⁹ Por isso, cabe perguntar qual a identificação messiânica neste trecho de Isaías?

O profeta Isaías traz ao povo de Israel a esperança da vinda do *Ebed lahweh*, o servo de lavé. Mais especificamente se encontram apresentações deste título e figura em 42.1-4; 49.1-7; 50.4-11; 52.13-53.12. Ainda que falar do “servo de lavé” em Isaías seja tema demasiadamente profundo para tão pouco espaço, é válido relatar duas principais características do servo na explanação do profeta. A primeira é a da substituição. O servo é aquele que irá substituir o povo na qualidade de justo. Essa substituição é até mesmo um conceito progressivo em Isaías: o que começa por todo o Israel como servo (49.3), passa a uma minoria, grupo chamado de “remanescente” e chega a um só indivíduo, o servo de lavé. Outra característica é o sofrimento do servo. Ele irá substituir o povo também em seu sofrimento e restabelecer a aliança destes com Deus por meio de sua obra substitutiva.⁵⁰ Quando Marcos se refere à sua obra como evangelho, está ligando-se a Isaías e isso fica ainda mais claro na apresentação do messias: ele é aquele que deve padecer em substituição de muitos.

No entanto há outro pano de fundo para o autor: o cultural e político. Para qualquer pessoa que pertencesse ao mundo da época de Marcos seria fácil referenciar a palavra “evangelho” a Roma, mais propriamente ao imperador. Toda notícia a respeito do imperador se tornou como um “evangelho”, uma boa nova: seu nascimento, maioridade, entronização; a boa nova se expande também a seus discursos, ações e decretos, pois tudo o que o imperador é e faz traz para a humanidade o tão esperado cumprimento de seus anseios, a chegada da paz e felicidade.⁵¹ Essa “cultura” da boa nova advinda da vida do imperador, nada mais era do que representação legitimadora do controle exercido sobre os povos dominados.⁵² Em contraste está diante dos leitores de Marcos a apresentação do “evangelho do servo”, aquele que irá governar é o que morre no final – e ressuscita.

A revelação do segredo messiânico acaba com toda a discipulação de Jesus, como visto acima, e gradativamente todos vão reconhecendo, ou mesmo declarando sem o saber, que este Jesus é o Messias. Ligado ao desvendar de sua função está o caminho para a morte, a

⁴⁹ ZABATIERO, J. P. Tavares; LEONEL, João. **Bíblia, literatura e linguagem**. São Paulo: Paulus, 2011, p. 190.

⁵⁰ CULLMANN, 2008, p. 77-80.

⁵¹ BECKER, U. Evangelho. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs). **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 758.

⁵² ZABATIERO; LEONEL, 2011, p. 191.

confissão de Pedro “serve como ponto de partida para Marcos enfatizar, franco e repetido, de que o Filho do homem precisa sofrer”.⁵³ É ali que termina a primeira parte do evangelho. A confissão de Jesus como Messias se intensifica a medida que a cruz se aproxima.⁵⁴ Esta é por sinal a grande diferença do Jesus Messias de Marcos: o evangelista acolhe dois títulos cristológicos distintos,⁵⁵ o servo e o Messias e os reúne em uma só pessoa, Jesus Cristo. A grande obra desse servo-messias é sua crucificação - o tema da paixão -, por isso ninguém poderia compreendê-lo antes da morte. Por esta causa há discricção, pois qualquer aclamação de Jesus como messias seria inválida se desvirtuada da cruz.⁵⁶

3.2 Segredo messiânico: uma construção literária de Marcos

O evangelho de Marcos pode ser tido como uma construção literária. O autor, ainda que tenha escrito de relatos vividos por Jesus, não o fez de modo cronológico. Um exemplo é a seção que vai de 2.1-12 até 3.6, onde a oposição do galileu com os líderes religiosos aparece cinco vezes e termina no planejamento de sua morte. Esta unidade literária é composta por Marcos para seu fim teológico.⁵⁷ Mas tal elaboração pode ser vista na construção do segredo messiânico?

As perícopes vão se encontrando na primeira parte de Marcos de modo “desinteressado”. É dito até que seu estilo de reunir os relatos chega a ser tosco, rude algumas vezes.⁵⁸ No entanto, sua junção das perícopes, algumas até em blocos, faz com que o leitor vá afirmando a veracidade do messiado de Jesus. Para exemplo não seria possível reunir mais de 20 perícopes que se apresentam apenas na primeira parte do livro (até 8.26), mas é possível que quatro sejam suficientes para mostrar como o estilo em Marcos é usado na formação de sentido, construindo a totalidade da retórica: estética e persuasão.

A primeira perícopa já foi descrita na presente pesquisa: o batismo de Jesus (1.9-11). Zabatiero demonstrou como o estilo empregado por Marcos demonstra não apenas um simples batismo, mas uma investidura de função oficial.⁵⁹ O messias foi instituído por Deus e pelo Espírito. Mais que isso o texto reflete um discurso amplamente conhecido em Israel, a manifestação de Deus para salvação. Os céus abertos são na verdade “céus que se fendem” no grego, possível alusão a Isaías 64.1: “Oh se fendesse os céus e descesses!”. O chamado de Jesus, portanto, é cumprimento de uma oração por libertação que o profeta faz a respeito do povo (cf. todo o contexto em Is 64.1-12).⁶⁰ O messias chegou e os céus se fenderam.

O perdão dos pecados e cura de um paralítico em Cafarnaum (2.1-12) também demonstram o messiado de Jesus. De modo muito mais claro, porém, ainda não declarado, é

⁵³ TURLINGTON, 1986, p. 320.

⁵⁴ POHL, 1998, p. 17.

⁵⁵ Cf. CULLMANN, 2008, p. 86. Também os capítulos “Jesus, o servo sofredor de Deus”, p. 75-112 e “Jesus, o messias” p. 149-180.

⁵⁶ HURTADO, 1995, p. 20.

⁵⁷ MULHOLLAND, 1999, p. 16.

⁵⁸ TURLINGTON, 1986, p. 319.

⁵⁹ ZABATIERO, 2007, p. 82.

⁶⁰ HURTADO, 1995, p. 28-29.

possível conhecer que ele é o enviado de Deus. Jesus fala ao enfermo que seus pecados estão perdoados, ocasionando revolta no coração dos escribas. Entretanto, o que eles falam entre si acaba legitimando-o como messias: os mestres da lei citam um apanhado da lei onde a blasfêmia é pecado a ser punido de morte (Levítico 24.15) e o direcionam a Jesus.⁶¹ O mestre, porém, demonstra ter poder de cura e assim de perdão dos pecados,⁶² calando pelo menos até o momento aqueles profissionais da lei. Com isso Marcos usa de uma narrativa simples para demonstrar o início da perseguição a Jesus - que culminou na sua paixão -, mas também sua legitimidade perante a lei do Antigo Testamento. Claramente ele não poderia ser punido por blasfêmia.

A eleição dos doze que acompanharão de perto seu ministério é outra perícopes que usa de estilo para fins retóricos (3.13-19). Este relato está imerso em linguagem teológica, porém “tudo em linguagem oculta”.⁶³ Segundo o próprio relato de Marcos, Jesus já havia chamado alguns seguidores no início de sua pregação pública (1.16-20; 2.13,14), entretanto, este chamamento declara que aqueles doze teriam local especial na companhia de Jesus.⁶⁴ O local onde a vocação ocorre é de vital importância no entendimento da passagem, Jesus subiu a um monte. Este na verdade não é um monte, mas na língua grega é “o monte” ou “a colina”, porém qual colina, se nenhuma extensão geográfica desse tipo havia sido mencionada? Não importa o local, mas o significado que há para Israel de realização dos atos divinos em montes. Facilmente um leitor familiarizado com a religião judaica lembraria da entrega da Lei a Moisés num monte, ato que constituiu praticamente a instituição do povo de Israel em aliança com Deus (Ex 19.1-25; 20.18-20).⁶⁵ É possível dizer que no Antigo Testamento aparece 19 vezes a relação entre subir o monte e encontrar-se com Deus.⁶⁶ O texto segue e declara que Jesus “chamou a si os que ele mesmo quis”. Diferente dos rabinos em sua época, aos quais os jovens matriculavam-se para segui-los, o tom da narrativa segue em consonância com a revelação de Deus a Moisés (Ex 33.19),⁶⁷ obviamente de forma não declarada.

O número de discípulos também é significativo: são doze como as doze tribos de Israel.⁶⁸ Alguém até chegou a dizer que não passava de coincidência, no entanto, as semelhanças são tão espantosas que fica difícil fazer tal afirmação. A escolha de doze tem a ver com a renovação de Israel, tema bastante claro para a Igreja primitiva.⁶⁹ O número doze é amplamente usado no Antigo Testamento, principalmente relacionado às tribos. Kunz apresenta uma tabela com sete passagens bíblicas (incluindo uma em apocalipse, a única do NT) onde aparecem listas das doze tribos. Ele nota que não há concordância nestas listas com os nomes das tribos, por exemplo, em Ezequiel 48 são trocados os nomes de Levi e José por Efraim e Manassés. Outra percepção é que a ordem também está alterada. Isso indica que

⁶¹ SANNER, 2006, p. 236.

⁶² Veja a argumentação em MULHOLLAND, 1999, p. 38.

⁶³ POHL, 1998, p. 85.

⁶⁴ TURLINGTON, 1986, p. 354.

⁶⁵ HURTADO, 1995, p. 72.

⁶⁶ POHL, 1998, p. 85-86.

⁶⁷ POHL, 1998, p. 86.

⁶⁸ WIERSBE, 2006, p. 155.

⁶⁹ TURLINGTON, 1986, p. 354.

nem os nomes e nem a ordem destes é importante para a definição das doze tribos, e sim o número: doze.⁷⁰ Estes doze teriam de passar tempo com o renovador de Israel para que pudessem estar aptos a cumprirem suas funções, pois foi por este motivo que Jesus os chamou a si: para estarem com ele e os enviasse a pregar.⁷¹

A última perícopes a ser exposta rapidamente é a da primeira multiplicação de pães e peixes (6.30-44). Ainda que muita coisa possa ser dita dessa narrativa, convém notar apenas sua construção estilística no intuito de provar o messiado de Jesus. Nada no texto é dito que ele é o Messias de Deus, todavia ao leitor novamente é fácil relacionar seus atos com os poderosos atos salvíficos de Deus efetuados no Antigo Testamento. A divisão do povo entre grupos de cem e cinquenta já fazem lembrar a divisão feita por Moisés no deserto (Êx 18.21-25).⁷² Esta é também a forma em que se distribuía para a guerra (cf. Nm 31.14) e o modo que a comunidade de Qumran falava sobre sua organização no banquete escatológico.⁷³ Todavia alimentar o povo no deserto por meio de sinal miraculoso é prova ainda mais certa de seu messiado, o milagre traz à lembrança os atos salvadores de Deus no passado (Êx 16.32; Nm 11.13-22; 1 Rs 17.8-16; 2 Rs 4.42-44) e coloca Jesus no centro do cumprimento das profecias, as quais diziam de um banquete messiânico, reinterpretação profética dos banquetes de Deus no Êxodo e em outras narrativas (cf. Is 25.6).⁷⁴ A semelhança na redação entre Mc 6.42 e o Salmo 78.29 (salmo que conta a narrativa do povo no deserto) também pode ser facilmente notada.⁷⁵

Especial na narrativa de Marcos é a sua percepção de como Jesus se sentiu e de que modo ele interpretou toda a multidão faminta: “teve compaixão deles, porque eram como ovelhas que não tem pastor”.⁷⁶ O toque redacional mais uma vez liga a obra de Jesus com o Antigo Testamento. Josué foi escolhido por Deus para substituir Moisés com o intuito de que o povo de Israel “não seja como um rebanho sem pastor” (Nm 27.17). A denúncia do profeta Ezequiel é de que os líderes se alimentam do leite, se vestem da lã, comem a carne da ovelha, porém, não apascentam o rebanho (Ez 34.3-4). Zacarias também se entristece pela liderança falsa com as palavras “vão como ovelhas (...), porque não há pastor” (Zc 10.2). Há também as palavras do profeta Jeremias (2.8; 10.21; 23.1-2) e de Miqueias contra Acabe (I Rs 22.27) para atestar a força dessa tradição.⁷⁷ Neste ponto fica mais interessante ainda notar que Marcos usa justamente a noção de pastoreio aliada à compaixão para mostrar como Jesus alimenta o povo no deserto. Essa promessa de pastorear o rebanho, atitude ocasionada pelo amor às ovelhas, é característica do próprio lavé, a qual está abertamente exposta em Ezequiel 34.

Seria possível discorrer sobre algumas outras narrativas contidas na primeira metade do Evangelho de Marcos. Isto com o intuito de demonstrar seu toque redacional sutil o qual teve

⁷⁰ KUNZ, Claiton André. **Ações parabólicas de Jesus no evangelho de Marcos**. São Paulo: ASTE, 2014, p. 98-102.

⁷¹ ROBERTSON, 2011, p. 376.

⁷² MULHOLLAND, 1999, p. 77.

⁷³ SOARES; CORREIA Jr; OLIVA, 2012, p. 225.

⁷⁴ MULHOLLAND, 1999, p. 77.

⁷⁵ SOARES; CORREIA Jr; OLIVA, 2012, p. 226.

⁷⁶ BÍBLIA, 2009, Marcos 6.34.

⁷⁷ SOARES; CORREIA Jr; OLIVA, 2012, p. 223.

o interesse de apresentar por meio do estilo a função messiânica de Jesus.⁷⁸ Todavia cabe na pesquisa apenas olhar para estas quatro perícopes aliadas ao conceito de segredo messiânico apresentado no ponto anterior.

O que se pôde notar, no mínimo, é que as quatro perícopes apresentam as seguintes características: 1) nenhuma declara abertamente que Jesus é o Messias de Deus; 2) não há em nenhuma delas a característica de persuasão por meio de argumentos; 3) todas são ligadas a tradições (às vezes a textos específicos) do Antigo Testamento, atributo denominado por Zabatiero de “intertextualidade” e “interdiscursividade”;⁷⁹ e principalmente 4) todas demonstram Jesus na função messiânica por meio do estilo da narrativa: pelo toque redacional, pela composição de ações de Jesus que o caracterizem dessa forma, ou pela junção dessas duas qualidades.

Portanto, é possível dizer que Marcos usa inúmeras vezes o estilo com as funções de estética e persuasão, dando a ele a totalidade da função retórica. E nesse ponto ele o faz, se por outros motivos além deste não é possível saber pela limitação da pesquisa, para apresentar e atestar a função messiânica de Jesus, sem ainda desvendar o que veio a ser chamado de “segredo messiânico”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O autor do evangelho de Marcos, por mais que tenha escrito sua obra usando um grego simples, já tendo sido chamado de “tosco”, foi capaz de produzir uma narrativa profunda e complexa. Desvendar este texto é tal como explorar uma floresta fechada: o estudioso deve ir por partes, esperando se surpreender ao descobrir “coisas novas” que estavam escondidas há milênios. A presente pesquisa se focou somente em tentar perceber como o evangelista usou o estilo para aprofundar sua mensagem de que Jesus, o nazareno, é de fato o Cristo de Deus. Portanto, na finalidade de concluí-la vale ainda uma indagação: de que modo é possível relacionar o uso do segredo messiânico por Marcos, construído através do estilo como técnica retórica, para levar a mensagem de Jesus como Messias? Para tanto devem ser feitas as conexões com os pontos relacionados na primeira parte da presente obra.

Marcos usou o segredo messiânico para deixar mais atrativa a mensagem aos romanos? Sem dúvida o Jesus de Marcos é um contraste com o imperador. Mas isso pode ser atribuído à própria pessoa de Jesus, pois todos os evangelhos o colocam como pregador do “reino de Deus” e anunciador das “boas novas”, um outro evangelho, diferente do evangelho do imperador. O autor de Marcos já inicia sua obra demonstrando que estava para falar do evangelho do Messias (ou Cristo) (cf Mc 1.1), portanto, a construção do segredo messiânico não pode ter sido feita para surpreender o leitor no ponto onde ele é claramente revelado: na

⁷⁸ Perícopes como “a cura do endemoninhado de Cafarnaum” (Mc 1.21-28); “A vocação de Levi” (Mc 2.13-17); “a instrução sobre o jejum” (Mc 2.18-22); “Jesus é Senhor do sábado” (Mc 2.23-28); “A ordenança para a pregação dos doze” (Mc 6.7-13), entre outras, são dignas de terem estudos detalhados com o intuito de perceber o toque redacional de Marcos na construção de sentido no texto por meio do estilo na função da totalidade retórica: estética e persuasão.

⁷⁹ Para uma explicação detalhada dos termos, bem como de suas diferenciações técnicas cf. ZABATIERO, 2007, p. 36, 43, 64.

confissão de Pedro (Mc 8.27-30). Ao pensar no leitor ideal da obra apenas é possível conjecturar as seguintes opiniões: 1) Marcos usou o estilo como persuasão e estética para atestar a função messiânica de Jesus, já declarado no início da obra, e 2) ainda que o evangelho seja construção literária, em ordem que não segue estritamente a cronológica, é possível que o “segredo messiânico” tenha sido característica do próprio ministério de Jesus e o autor tenha tido a ímpar percepção deste fato.

Em relação aos temas apresentados em Marcos todos são concordantes com uma apresentação gradual da função messiânica em Jesus, mas principalmente o tema da “paixão”. Confessar Jesus como Messias só poderia ser feito sob a luz da cruz, por isso, a compreensão de seu messiado cresce gradativamente na medida em que se aproxima a crucificação.⁸⁰ Pohl chega a sugerir que depois do “mistério messiânico”, aparece o “mistério da paixão” ligado ao título de Filho do Homem presente na pessoa de Jesus mais fortemente na segunda parte do evangelho de Marcos.⁸¹

Desta maneira é possível dizer que o “Jesus de Marcos” é o Messias de Deus, servo de lavé, revelado de forma crescente. Sua função messiânica é incontestavelmente atestada pela validação “velada” do Antigo Testamento: ele é o pastor, é aquele que reúne as doze tribos (representativamente), o que perdoa pecados e o enviado de Deus – isso apenas olhando para as quatro perícopes analisadas acima.

Há muitas outras surpresas nesta “floresta a ser desvendada” chamada de evangelho de Marcos. Coube aqui apenas chegar à seguinte conclusão: por meio do estilo, cumprindo função total na retórica (abarcando estética e persuasão), Marcos apresenta o Messias, valida seu ministério messiânico por meio de ligações textuais e discursivas com o Antigo Testamento sem precisar se desfazer do recurso literário denominado “segredo messiânico”.

REFERÊNCIAS

BECKER, U. Evangelho. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs). **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 757-765.

BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada versão Revista e Corrigida de João Ferreira de Almeida. 4.ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

CULLMANN, Oscar. **Cristologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2008.

HURTADO, Larry W. **Marcos: novo comentário bíblico contemporâneo**. Flórida: Vida, 1995.

JEREMIAS, Joachim. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 1977.

KUNZ, Claiton André. **Ações parabólicas de Jesus no evangelho de Marcos**. São Paulo: ASTE, 2014.

MULHOLLAND, Dewey. **Marcos: introdução e comentário**. São Paulo: Vida nova, 1999.

⁸⁰ POHL, 1998, p. 17.

⁸¹ POHL, 1998, p. 17-18.

NEVES, Itamir. **Comentário bíblico de Marcos: Através da Bíblia.** São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2008.

POHL, Adolf. **Evangelho de Marcos: comentário esperança.** Edição eletrônica. Curitiba: Esperança, 1998.

ROBERTSON, A. T. **Comentário Mateus e Marcos: à luz do Novo Testamento grego.** Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

SANNER, A. Elwood. O evangelho segundo Marcos. In: HARPER, A.F. (org.). **Comentário Bíblico Beacon: Mateus a Lucas.** Rio de Janeiro: CPAD, 2006. p. 216-346.

SOARES, S. A. Gameleira; CORREIA Jr, J. Luiz; OLIVA, J. Raimundo. **Comentário do evangelho de Marcos.** São Paulo: Fonte editorial, 2012.

THIELMAN, Frank. **Teologia do Novo Testamento: uma abordagem canônica e sintética.** São Paulo: Shedd, 2007.

TURLINGTON, Henry. Marcos. In: CLIFTON, Allen (ed.). **Comentário Bíblico Broadman: Novo Testamento.** 3.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1986. p. 311-484.

WIERSBE, Warren. **Comentário bíblico expositivo: Novo Testamento volume 1.** Santo André: Geográfica, 2006.

ZABATIERO, Júlio P. Tavares. **Manual de exegese.** São Paulo: Hagnos, 2007.

ZABATIERO, Júlio P. Tavares; LEONEL, João. **Bíblia, literatura e linguagem.** São Paulo: Paulus, 2011.